

## **JESUS OU OS POBRES?**

### **ANÁLISE REDACIONAL E HERMENÊUTICA DE JO 12,1-8**

*Johan Konings*

Jo 12,8 é uma pedra de tropeço na interpretação do quarto evangelho. Parece priorizar um "serviço de luxo" prestado a Jesus em detrimento da solicitude pelos pobres: "Os pobres, sempre os tendes perto de vós, mas a mim não tendes sempre". Os que preferem enfeitar os altares, em vez de prover à mesa dos pobres, encontram neste versículo aparente justificação. E os que se empenham pela mesa dos pobres, evitam citá-lo. Queremos questionar tanto a primeira quanto a segunda atitude.

Constataremos que neste texto se manifesta uma tendência teológica fundamental da redação do quarto evangelho: o cristocentrismo, contribuição original que, juntamente com a mensagem tradicional da perícopes, deve ser incluído na nossa hermenêutica da narrativa. Além da busca do sentido, pretendemos assim mostrar a utilidade do método redacional-crítico para uma exegese e uma hermenêutica atualizadas.

#### **1. Jo 12,8 no contexto do quarto evangelho**

Tomando por suficientemente atestada a frase que até escandalizou alguns amanuenses<sup>1</sup>, situemo-la no conjunto do quarto evangelho. Jo 11-12 constitui o último episódio da primeira parte de Jo, co-

<sup>1</sup> O versículo (literalmente: *pois os pobres, sempre os tendes junto de vós, a mim porém não sempre tendes*) se encontra nos manuscritos Alef P66 A B etc., ou seja, nos documentos das recensões alexandrina, cesareana e bizantina, e nas versões siríacas, Vetus Latina e Vulgata, mas é omitido pelo códice de Beza (D) e o siriano, enquanto P75 e Lambda omitem a última linha do texto, *tendes junto de*

nhecida na exegese recente como o "Livro dos Sinais" (Jo 11,19-12,50), distinto do "Livro da Glória" contido nos capítulos 13-20. O Livro dos Sinais descreve a atividade pública de Jesus, vasada, por Jo, em traços de messias-profeta legitimado por sinais, embora estes venham a ser mal-entendidos pelo povo e "relativizados" pelo próprio evangelista. O episódio 11-12 é o último dos sinais do messias-profeta<sup>2</sup>. Dá nitidamente a impressão de ter sido pensado, pelo evangelista, como o termo final de um *crescendo*. Se a cura do cego de nascença em Jo 9 já é considerada como algo inaudito (9,32), com maior razão a ressurreição de um morto de quatro dias (11,17.39).

Jo 12 é concebido, pelo autor, como unido ao episódio de Lázaro narrado no capítulo 11. É exatamente por causa do sinal operado em Lázaro que o povo se mobiliza, quando da presença de Jesus em Betânia (12,9), e lhe prepara uma entrada triunfal em Jerusalém (12,17-18). A unidade entre os capítulos 11 e 12 é tão forte, no nível redacional, que a identificação de Lázaro em 11,1-2 se faz remetendo antecipadamente à história da unção em 12,1 ss. Também, no início da perícope 12,1-8, o evangelista lembra explicitamente o cenário da família de Lázaro, Marta e Maria, do capítulo 11<sup>3</sup>.

No quadro deste último dos sinais, Jo situa a última subida de Jesus à festa da Páscoa. Juntamente com a subida para a Páscoa em 2,13, ela emoldura em forma de *inclusio* o Livro dos Sinais, sendo que em 2,13 o ponto de partida era a parentela carnal de Jesus (2,12), com a qual rompe em 7,1 ss., enquanto nos capítulos 11-12 a ida a Jerusalém tem como ponto de partida a nova família da fé, a família de Betânia. É verdade que a Páscoa não é mencionada no início do episódio 11-12, mas somente em 11,55 (a "subida" da multidão) e 12,1 (Jesus); contudo, já em 11,16 transparece que a ida a Betânia é a subida à Páscoa da morte. Na tradição da história da unção assumida por Jo, Betânia já estava ligada à Páscoa final (cf. Mc 14,1-3 parr.)<sup>4</sup>. Todo o

---

vós, a mim porém não sempre tendes, provavelmente por erro visual causado pela recorrência de *tendes* na metade e no fim do versículo (parablepse); cf. B. METZGER, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, United Bible Societies, 1971. 236. A ausência no códice D e no siro-sinaítico indica para alguns críticos que o versículo teria sido acrescentado ulteriormente a partir dos sinóticos, mas ele pode também ter sido omitido porque, colocado no fim da perícopa, soa negativo demais em relação à prática caritativa. Pelo sentido do diálogo anterior, o versículo cabe perfeitamente no texto.

<sup>2</sup> Ou o penúltimo, se se considera a morte/ressurreição como o último e "grande" sinal (p. ex. J. MATEOS, J. BARRETO, *O Evangelho de São João*, São Paulo, Paulinas, 1989, 24).

<sup>3</sup> De maneira pouco hábil, o evangelista antecipa a identificação da família de Betânia em 11,2, referindo-se a um episódio que narrará somente em 12,1-8, mas que talvez suponha conhecido a partir da tradição evangélica geral (sinótica).

<sup>4</sup> Na realidade, a ligação da unção com a Páscoa final parece provir da redação marcana, e seria portanto um indício de que Jo conheceu o evangelho de Mc já redigido.

capítulo 11, ou seja, a viagem a Betânia para “despertar” Lázaro, aparece, à luz de 12,1, como carregada com um sentido de morte (11,16). Observemos, colateralmente, que não convém considerar 11,55 como início de uma nova seção, tão pouco quanto as notícias semelhantes de 6,4; 7,2 etc.<sup>5</sup> A última subida a Jerusalém faz parte integrante da unidade literária constituída pelos capítulos 11 e 12.

Em 12,1 esta última presença de Jesus na Páscoa recebe uma indicação numérica: “seis dias antes da Páscoa”, portanto, uma semana, contada sem o sábado, que naquele ano é a própria Páscoa (cf. 19,31). Contrabalança, por assim dizer, a semana inaugural de Jesus, que culminava na primeira subida à Páscoa (1,19-2,12).

Podemos então dizer que a narrativa da unção em Betânia, para Jo, faz parte do encerramento do Livro dos Sinais, articulando-se com o maior dos sinais pré-pascuais (Jo 11) e, ao mesmo tempo, marcando o início da semana decisiva na obra de Jesus, a semana da sua “grande” Páscoa. A ligação entre o sinal do cap. 11 e a narrativa do capítulo 12 (unção e entrada triunfal) é realizada pela figura de Lázaro e suas irmãs, mas também pelo complô dos judeus, mencionado explicitamente em 11,45-54(55-57); 12,9-11.17-19 e sugerido em 11,16.

## 2. A pré-história literária de Jo 12,1-8

Não há dúvida de que o relato de Jo 12,1-8 pertence ao cabedal tradicional da pregação das primeiras comunidades cristãs. Destinado a ser pregado onde for anunciado o evangelho (Mc 14,9 par. Mt), o relato tradicional se encontra em Mt e Mc e influenciou sensivelmente a história da pecadora, em Lc 7,36-50, se esta não for simplesmente uma reelaboração lucana do relato da unção de Mc 14<sup>6</sup>.

### 2.1 Semelhança com o relato da unção em Mc e Mt

A história de Jo 12,1-8 é essencialmente a mesma que a de Mc 14,(1-2)3-9 par. Mt 26,(1-5)6-13 (a unção), e tem parentesco com a de Lc 7,36-50 (a pecadora). Mostra isso o seguinte quadro comparativo. (Entre parênteses, os números dos versículos.)

<sup>5</sup> Ao contrário de MATEOS, BARRETO, *João*, 24 e passim.

<sup>6</sup> Ver F. NEIRYNCK, “L’onction de Béthanie (12,1-11)”, *Ephemerides Theologicae Lovanienses* 53 (1977) 499-500 (= F. NEIRYNCK et alii, *Jean et les Synoptiques*; examen critique de l’exégèse de M.-E. Boismard, Leuven, University Press/Peeters, 1979, 90-91). Também A. DAUER, *Joh 12,1-8 und Lk 7,36-50; 10,38-42*, em ID., *Johannes und Lukas*; Untersuchungen zu den johanneisch-lukanischen Parallelperikopen (Forsschung zur Bibel, 50), Würzburg, Echter-V., 1984, 126-206.367-410.

Mc 14,1-11 (cf. Mt 26,1-16)

(1) Dentro de dois dias, a (semana) de Páscoa e Azimos

(2) complô contra Jesus

(3) em Betânia, na casa de Simão o leproso

Jesus "deitado à mesa"

uma mulher, com um frasco de alabastro com mirra de nardo pistikês polytelou

quebra o frasco e derrama sobre a cabeça de Jesus

(4) "alguns" (Mt: "os discípulos") se incomodam

"Para que esse desperdício? (5) Esta mirra poderia ser vendida por mais de trezentos denários e dada aos pobres"

reprimiram a mulher

(6) Jesus: "Deixai-a; por que importuná-la? Ela fez uma boa ação a mim"

(7) "Pois sempre tendes os pobres perto de vós (só Mc: e podeis fazer bem a eles quando o quereis), mas a mim não tendes sempre"

(8) "(Mc: ela fez o que tinha;) (Mt: derramando esta mirra sobre meu corpo,) antecipou embalsamar meu corpo (Mt: me) para a sepultura"

(9) "Amém, digo-vos, onde for proclamado o evangelho, também será divulgado o que ela fez, em sua memória"

(10-11) Judas combina com os judeus entregá-lo por dinheiro

Jo 12,1-8

(1) Seis dias antes da festa da Páscoa

cf. Jo 11,45 ss.

(1) em Betânia, com a presença de Marta, Maria e Lázaro

(2) Lázaro entre os "deitados à mesa"

(3) Maria, com uma libra de mirra de nardo *pistikês polytimou*

unta os pés e enxuga com seu cabelo; a casa enche-se do odor

(4) Judas, "um dos Doze, aquele que o ia entregar", questiona

(5) "Por que não foi vendida esta mirra por trezentos denários e dada aos pobres?"

(6) não por importar-se com os pobres, mas porque guardava a caixa e roubava...

(7) Jesus: "Deixa-a, (para) que guarde isso para o dia de minha spultura"

(8) "Pois os pobres sempre tendes perto de vós, mas a mim não tendes sempre"

v. supra, v. 7

falta em Jo

cf. vv. 4 e 6

“É provável que Jo não apenas segue a mesma *tradição* que Mc (e Mt, que deste depende), mas inclusive utiliza a *redação* que Mc impôs ao relato, pois, não só há coincidência verbais fortes demais para serem explicadas por mera semelhança de tradição, como também Jo parece basear-se em elementos que comumente são atribuídos à criação literária de Mc quando da redação de seu evangelho; assim, a ligação com a história da Paixão, a Páscoa e a traição de Judas<sup>7</sup> e, talvez, a referência à dupla resposta de Jesus, que pode ser uma “montagem” marcana, como mostraremos adiante.

Não é tão claro que Jo tenha conhecido a redação de Mt 26,1-16. As coincidências peculiares com Mt podem ser explicadas por tendências análogas do redator mateano e do redator joanino. Assim a identificação dos que criticam a mulher (Mt: os discípulos; Jo: Judas); é sabido que a tendência a identificar os personagens cresce à medida da evolução da tradição evangélica. E também a simplificação, ou ordenação melhor, das palavras de Jesus de Mc 14,6-9. Contudo, em consideração ao resto do quarto evangelho, não se deve excluir a possibilidade de contato literário com Mt

## 2.2 *Reminiscências do evangelho de Lucas*

Além da semelhança com Mc (e Mt), há interessantes *semelhanças com o evangelho de Lucas*.

Temos em primeiro lugar os nomes de Marta, Maria e Lázaro. Os três encontram-se fora de Jo só no evangelho de Lc. Os dois primeiros em Lc 10,28-32, o terceiro em Lc 16,19-31. Em Jo 11-12, estes personagens possuem características encontradas também em Lc: Marta é a anfitriã solícita (12,2, *diëkonei*; cf. 11,20 ss.), Maria é a que fica sentada a esperar (11,20 etc.), e Lázaro, aquele que morreu<sup>8</sup>. Se estas semelhanças podem, a rigor, ser atribuídas a um parentesco no nível da tradição, em 12,3 flagramos Jo utilizando de modo pouco ortodoxo um elemento da versão lucana da unção, a história da pecadora. Lc não narra a unção em Betânia, na véspera da morte, mas dela antecipa elementos significativos na história da pecadora, Lc 7,36-50 uma destas histórias de pecado, misericórdia e perdão, bem ao gosto de Lc (cf. o filho pródigo e Zaqueu). Num momento de distração, Lc trai a influência de Mc 14,3, quando deixa Jesus inesperadamente pronunciar o nome do anfitrião, até então tratado como fariseu anônimo: Simão (Lc 7,40, cf. Mc 14,3). Ora, na história descrita por Lc, a mulher não

<sup>7</sup> Cf. R. FABRIS, “O evangelho de Marcos”, em G. BARBAGLIO, R. FABRIS, B. MAGGIONI, *Os Evangelhos*, I, São Paulo, Loyola, 1990, 585.

<sup>8</sup> Pode-se até alegar que, também em Lc, Lázaro é, no mínimo, candidato para voltar à vida (Lc 16,27).

unge a cabeça de Jesus (cf. Mc 14,3), mas rega seus pés com lágrimas, enxuga-os com os cabelos e depois passa a ungi-los, detalhe este que geralmente é atribuído a uma reminiscência redacional de Mc 14,3. Jo, sob influência da narrativa lucana, diz que Maria unge os pés de Jesus com o precioso nardo (sem lavá-los com as lágrimas) e depois os enxuga com os cabelos. Não faltou quem caracterizasse isso como uma maneira discreta de passar o nardo para seus próprios cabelos...

Jo parece portanto usar a narrativa sinótica de Mc 14,1-11, misturando nela traços da história da pecadora de Lc 7 e da família de Betânia, sintetizada a partir de reminiscências de Lc; parece que já se está operando a "fusão" de detalhes pessoais que resultará mais tarde na simples identificação de Maria de Betânia, a pecadora, e Maria Madalena (apesar de sua clara distinção no evangelho de Lc).

### 2.3 O sentido do relato de Mc (e Mt)

Mc prensa a história da unção numa *moldura redacional* (14,1-2.10-11) a modo de "sanduíche", como foi apelidado este procedimento literário bastante típico de Mc. Antes e depois da unção são descritas as duas fases do complô contra Jesus. Na primeira fase (14,1-2), os sumos sacerdotes e os escribas procuram livrar-se de Jesus, mas "não na festa" (isto é, a concentração popular por ocasião da festa). A introdução da unção em Betânia combina com a representação marcana de que Jesus se deslocava regularmente de Betânia a Jerusalém (3 km), passando pelo monte das Oliveiras e a torrente do Cedron (cf. 11,11.12). Assim se compreende a segunda fase do complô, 14,10-11, quando Judas combina por dinheiro entregar Jesus: será depois da ceia pascal, de noite, quando Jesus voltará de Jerusalém a Betânia passando pelo Cedron, o monte das Oliveiras e o sítio de Getsêmani. Aí, Judas perpetrará a traição (14,43-52).

A história da unção propriamente revela uma interessante duplicidade na sua estrutura. O gesto da mulher é criticado pelos circunstantes em nome de uma suposta solicitude pelos pobres: o perfume poderia ter sido comercializado em benefício dos pobres. A resposta de Jesus é *dupla*. Por um lado, defende a mulher, chamando seu gesto de "boa obra", e com razão, pois interpreta-o como embalsamamento antecipado, portanto, um elemento da sepultura, que era uma boa obra altamente estimada no judaísmo<sup>9</sup>, ainda mais em se tratando de um condenado à morte, que normalmente terminaria na vala comum. Por outro lado, Jesus responde *ad hominem* aos objetores, remetendo-os ao dever cotidiano de praticar boas obras em prol dos pobres e relevando a unicidade de *seu* momento.

<sup>9</sup> Cf. Tb 1,16-18 etc.

Como nos interessa de modo especial esta segunda resposta, convém observar que Mc não a entende como relativização ou diminuição do dever de solidariedade com os pobres. Pelo contrário, redige-a numa forma que evoca claramente Dt 15,4-11, o “mandamento” da solicitude pelos pobres.

#### 2.4 O “mandamento da previdência social”

Dt 15,4 diz que Deus quer dar aos israelitas uma terra onde não haja pobres. Portanto, os que têm devem repartir com os que não têm. Mas é verdade também que isso é um ideal, que sempre deve ser retomado. Neste sentido, Dt 15,11 acrescenta: “Nunca faltarão pobres na terra (que te dou); por isso, eu te dou este *mandamento* (*swh*): abre, abre tua mão para o teu irmão, o teu pobre e o teu necessitado na tua terra” (Dt 15,11). É uma responsabilidade permanente, que não permite desistência ou esmorecimento. Observem-se os pronomes: *tua* mão, *teu* irmão, *teu* pobre, *teu* indigente, *tua* terra... A terra é tua, mas o irmão também, e o pobre e o indigente também; tu és responsável por eles. E a mão é tua também: tu dispões dela, e não deves descarregar a responsabilidade sobre outrem... Institui-se, assim, em Israel, o “mandamento da previdência social”, em moldes talvez ultrapassados aos olhos da sociologia moderna, mas de toda maneira como característica intocável do povo da Aliança. A caridade para com os pobres é solicitude permanente de todo israelita. É isso que Jesus quer dizer nas palavras de Mc 14,7, citação livre de Dt 15,11. A maneira como Mc formula este motivo em 14,7 deixa claro que ele se coloca no espírito do Dt; as palavras “podeis fazer bem a eles quando quereis” confirmam exatamente o valor permanente e cotidiano deste mandamento.

#### 2.5 Quais são os conceitos que se opõem em Mc 14,7?

O que se opõe, em Mc 14,7, não são, portanto, os pobres e Jesus, e sim, dois momentos diferentes na vida do discípulo: o momento dos pobres, que é “sempre” e “quando quereis” (“é só querer”); e o momento de Jesus, que é “não sempre”, nem depende de nossa boa vontade. Subentenda-se: a sepultura, mesmo em antecipação, e sobretudo a morte de Jesus são momentos únicos. Assim, a palavra de 14,7 mostra semelhança com a de Mc 2,19-20, onde Jesus opõe seu *kairós* à prática do jejum, que pode ter sentido em outros momentos. Uma pequena atualização pode tornar compreensível a oposição evocada por Jesus: que agente de pastoral consideraria desperdício tomar o ônibus interestadual para ir ao enterro de sua mãe? Pode-se observar que o gesto da mulher era esbanjador: trezentos denários, trezentas diárias de operário rural... Mas sabe-se que, nem naquele tempo, nem hoje, a pobreza dos pobres é consequência de isolados casos de exagero na generosidade...

### 3. A redação de Jo 12,1-8 e o sentido do v. 8

Como foi dito, Jo parece usar a narrativa sinótica de Mc 14,1-11, misturando nela traços de Lc 7,36-50 e das figuras lucanas de Marta, Maria e Lázaro. Os versículos 1-2 de Jo se explicam suficientemente por estas influências e pelo quadro redacional, que já analisamos no tópico 1. Leiamos agora o resto da narração como reescritura joanina da história de Mc 14,3-9.

#### 3.1 A identificação da mulher e de seu censurador (vv. 3-6)

O versículo 3 de Jo segue Mc até nas palavras "esquisitas" (e difíceis de interpretar) que descrevem o nardo como *pistikês polytimou* (Mc: *pistikês polytelou*). Em vez de *uma mulher* ungiu a cabeça (Mc), em Jo é *Maria* que unge os *pés* e os enxuga com os cabelos, gesto que acabamos de explicar como reminiscência da história lucana da pecadora. Jo acrescenta que o perfume encheu a casa. Veremos mais adiante que Mt e Jo "esclarecem" o texto de Mc a respeito do significado de embalsamamento que o gesto da mulher recebeu. É possível que Jo, ao modelo de Lc 7,38, encene uma unção dos *pés*, vendo nisto mais sugestivamente evocado o sentido de embalsamamento funerário do que numa "honrosa" unção da cabeça.

A identificação da mulher com Maria, contada entre os "amados" de Jesus (cf. Jo 11,5)<sup>10</sup>, deve ser contrabalançada por uma outra identificação: a do seu censurador, identificado como Judas. Onde Mc (14,4) diz que "alguns" se incomodam com o desperdício do nardo, alegando que seu preço poderia ser revertido em prol dos pobres, Jo diz essencialmente a mesma coisa, especificando, porém, esses "alguns" como "Judas Iscariot, um dos seus discípulos, aquele que o ia entregar"<sup>11</sup>. Esta caracterização segue o estilo joanino<sup>12</sup>. Como em 13,29, Jo apresenta aqui Judas como caixeiro-ladão, e explica sua crítica a partir de sua intenção desonesta. A resposta de Jesus, em 12,7-8, parece uma condensação de Mc 14,6-8. Se esta identificação não for provocada pela identificação "os discípulos" do redator mateano (Mt 26,8), ela é no mínimo semelhante. Contudo, há uma diferença essencial. Judas

<sup>10</sup> O termo "amado" e o verbo "amar" em Jo (cf. o mandamento do amor e o "discípulo amado") devem ser situados no campo semântico da Aliança e sobre o fundo da tradição profético-deuteronomista do amor entre Deus e seu povo.

<sup>11</sup> Já Mt 26,8 tinha especificado os "alguns", de Mc, como "os discípulos".

<sup>12</sup> Cf. 6,70-71; tb. 6,8 etc. Não se pode alegar aqui o uso tipicamente joanino da fórmula *heis ek*, pois a preposição *ek* (*tôn mathêtôn autou*) falta em alguns manuscritos importantes da recensão alexandrina (P66 P75? B L W); por outro lado, o *ek* é estilisticamente espúrio, logo corrigido com facilidade. Em favor do caráter redacional joanino (Jn-IIB), cf. M.-É. BOISMARD, *L'évangile de Jean* (Synopse des Quatre Évangiles, III), Paris, Cerf, 1972, 302b.

não é um discípulo qualquer! Se fossem "os discípulos" a criticar a mulher, como Mt dá a entender, sua crítica refletiria somente a costureira "imperfeição de aprendiz", traço comum de Mc e Mt (e Jo). Ora, Judas não é aprendiz de Jesus, mas do *diábolos* (13,2.27) e sua aparente preocupação com os pobres não passa de cinismo. Portanto, percebemos em Jo a repugnância provocada pelo uso do nome dos pobres como pretexto para a ganância do caixeiro! Jo não endossa a oposição que Judas estabelece entre a piedade para com Jesus e a solicitude pelos pobres. Antes pelo contrário: usar-se dos pobres para criticar a piedade demonstrada a Jesus é atitude digna do *diábolos*, que tomará conta de Judas (13,2.27).

### 3.2 O cristocentrismo e o tema da ausência de Jesus (vv. 7-8)

A visível simplificação dos versículos 6-8 de Mc 14 em Jo 12,7-8 se explica pela concentração cristológica, traço teológico-redacional bem conhecido do quarto evangelho. Jo elimina de Mc 14,6-8 a explicitação a respeito dos pobres, "podeis fazer bem a eles quando quereis" (Mc 14,7b), e se limita a acentuar a oposição entre a permanência dos pobres ("sempre") e a unicidade do momento de Jesus ("não sempre"). Não omite Mc 14,7b por negar sua importância, mas porque o assunto é Jesus, e não o mandamento do Dt. Também Mt operou tal simplificação, reforçando assim o acento cristológico (veja adiante).

Pela mesma razão, as palavras de Mc louvando o gesto da mulher (14,8) se encontram antecipadas e condensadas em Jo 12,7, antes da palavra sobre a ausência iminente de Jesus (v. 8), que assim recebe o acento final.

Falta em Jo o equivalente de Mc 14,9, a promessa da memória eclesial da mulher anônima. O relato que Mc acolhe no seu evangelho como uma "história de santa", memória de uma mulher recordada na comunidade por seu gesto caritativo e profético, em Jo é mencionado exclusivamente por seu valor cristológico. Por isso, a "instituição" da memória da mulher é omitida por Jo.

Na sua condensação de Mc 14,6-9, Jo coincide parcialmente com Mt, o que prova que o texto de Mc pedia correção. De fato, Mc 14,6-9 apresenta-se, bem ao gosto de Mc, como um "sanduíche": no versículo 6, Jesus diz que a mulher lhe fez uma boa obra, mas apenas no versículo 8 diz qual foi; entre os dois, Mc situa a palavra sobre os pobres. Já Mt sentiu necessidade de corrigir o texto de Mc. Simplificou a palavra sobre os pobres omitindo Mc 14,7b ("podes... quando quereis") e definiu com maior clareza a "boa obra": em Mc 14,6 não ficou claro o que a unção da cabeça tinha a ver com sepultura, mas Mt 26,12, antes de reproduzir as palavras de Mc a respeito da sepultura, esclarece:

"derramando a mirra sobre o meu *corpo*" (em vez de *cabeça*, como se esperava); e omite, de acordo com seu estilo<sup>13</sup>, a frase pouco elegante de Mc 14,8a ("ela fez o que tinha").

Jo, além de omitir os mesmos elementos que também Mt achou supérfluos (Mc 14,7b e 8a), troca a ordem, ligando a menção à sepultura diretamente ao imperativo de deixar a mulher fazer: sua boa obra, para a qual Jesus reivindica liberdade sem censura, consiste exatamente em embalsamar para a sepultura. Se enterrar os mortos era uma das clássicas "boas obras" do judaísmo, embalsamar não menos.

A condensação operada por Jo causou um pequeno problema sintático. Jo guarda de Mc 14,6 a expressão "deixa-a" (Mc diz "deixai-a", porque os objetores são vários), e lhe faz seguir imediatamente: "(para) que ela guarde isso para o dia de minha sepultura". A frase que Jo forjou a partir de Mc não ficou unívoca; um leitor inadvertido poderia interpretá-la como: "deixa-a guardar isso (o nardo) para o dia...". Acresce a isso a dificuldade em torno ao verbo "guardar" (*têrein*). Significará "conservar"? Isto teria pouco sentido em Jo, onde não são as mulheres que embalsamam Jesus. Significará "executar, cumprir", sentido que este verbo tem em quase todas as ocorrências em Jo? Este último sentido é certamente mais adequado.

A inversão operada por Jo 12,7-8 em relação a Mc 14,6-9, além de melhorar a lógica da narração, faz com que o acento final caia nas palavras "a mim não tendes sempre". A última palavra da períclope destaca portanto Jesus e a ausência dele, que vai se realizar logo (cf. 13,1 etc.). Conservando, em forma condensada, a tradicional contraposição da ausência de Jesus à presença dos pobres (cf. Mc 14,7), a frase de Jo 12,8 exprime que a unicidade do momento de Jesus não pode ser eclipsada pela alegação da solicitude pelos pobres, já que esta é permanente.

Jo não diminui a importância da assistência aos pobres, quando eliminando Mc 14,7b a contrapõe *diretamente* à atenção dedicada a Jesus. Em boa análise redacional consideram-se não apenas as modificações redacionais operadas pela autor em relação ao dado tradicional, mas também o que ele conserva e confirma. Para acentuar a importância da boa obra realizada a Jesus, Jo poderia ter omitido por completo a menção aos pobres; bastava a alusão à sepultura. Se Jo conserva, de Mc e sua tradição, o motivo dos pobres, é porque ele o

<sup>13</sup> A simplificação estilística de Mt em relação a Mc, sobretudo na ocorrência de construções ou detalhes pouco elegantes, é reconhecida como procedimento da redação mateana; cf. H. J. HELD, "Matthäus als Interpret der Wundergeschichten", em G. BORNKANN, G. BARTH, H. J. HELD, *Überlieferung und Auslegung im Matthäusevangelium*, 5ª ed., Neukirchen-Vluyn, Neukirchener V., 1968, 155-287.

valoriza. A frase “os pobres, sempre os tendes perto de vós”, para um leitor familiarizado com o AT, pressuposto de todo o quarto evangelho, é um lembrete do dever que Dt 15,4-11 ensina e Mc lembra de maneira mais explícita. Não é suprimido, mas confirmado. Porém, é um dever de todas as horas, enquanto a boa obra da sepultura de Jesus só cabe na sua “hora”, que está chegando (cf. 12,23).

Apontemos, enfim, alguns outros casos onde Jo, exímio dramaturgo, termina na mesma maneira uma perícopes com a evocação da ausência de Jesus, que é também o fundo existencial sobre o qual se desenham os discursos de despedida (13-17): 6,15; 8,59; 12,36 (imediatamente depois de ter dito que eles têm a luz apenas por pouco tempo...) e sobretudo o momento da traição, 13,30 (“era noite”). Parece-nos que as últimas palavras de 12,1-8 provocam este mesmo efeito dramático: por enquanto, a iminente ausência de Jesus é a última palavra.

### *3.3 A concentração cristológica na redação do quarto evangelho*

Para completar nosso estudo queremos mostrar alguns outros casos de concentração cristológica na redação do quarto evangelho. Nem queremos falar do evangelho todo, que é cristocêntrico por excelência. Focalizamos apenas alguns exemplos onde Jo transforma uma narrativa tradicional com o intuito de relevar mais a figura de Jesus e sua missão.

Na narrativa a respeito de João Batista, este não é apresentado como profeta, mas como mera voz, nem anuncia ele a chegada do reino, e sim de Jesus. Os primeiros discípulos não devem pescar homens, mas permanecer com Jesus. Nas bodas de Caná, o acento final cai no papel de Jesus como o verdadeiro noivo da festa (responsável pelo último e melhor vinho) e na manifestação de sua glória (2,11). A expulsão dos vendilhões do Templo, programaticamente antecipada por Jo no início do evangelho, não é uma purificação do Templo, como nos Sinóticos, mas significa que “o corpo” de Jesus substitui o Templo (2,21). Na cura do aleijado (5,1-18), chamam a atenção a iniciativa de Jesus e o prolongamento da narrativa, depois da cura, no encontro do curado com Jesus e na discussão com os fariseus. Em Jo 6, Jesus é o centro absoluto da multiplicação dos pães, onde nem sequer é mencionada a necessidade da multidão; e é ele também que, sozinho, sem a intervenção dos discípulos, distribui o pão. O discurso que se segue participa naturalmente do mesmo cristocentrismo. Na cura do cego, o sinal de Jesus serve para revelar que ele é a Luz do mundo (9,5), e o sinal de Lázaro é, de modo análogo, a revelação de que ele é a Ressurreição e a Vida (11,25).

Sirvam estes breves traços para reconhecermos em 12,1-8 esta mesma tendência de concentrar toda a narração em torno à pessoa de

Jesus e a iminência de sua ausência, situação que determinará o tom da segunda parte do evangelho, logo a seguir: a despedida de Jesus.

#### **4. Pistas hermenêuticas**

Só se entende o que se atualiza. Só se entende o sentido de um texto se se consegue expressá-lo em outros termos, num outro contexto vital. Um sentido que não se consegue transferir para outra situação, não é plenamente compreendido. O que permanece confinado na história narrada e não é reconhecido na vida vivida hoje, não faz parte da verdadeira compreensão.

Por isso, nossa exegese não seria completa sem uma breve consideração sobre a compreensão atualizada do sentido dado por Jo à história da unção. Mais: se Jo providenciou à sua comunidade um sentido atualizado uma "verdade plena", obra do Paráclito (16,13), não esperará a mesma coisa de nós?

Como podemos, hoje, valorizar não só a tradicional história da unção, mas ainda os acentos próprios da redação joanina?

Voltemos à nossa pergunta inicial. Será que o empenho pelo altar pode eclipsar o empenho pela mesa dos pobres. "Louvar" Jesus é mais importante do que a transformação social?

Em tais termos, a questão é mal colocada. Nem a história tradicional da unção (Mc), nem a redação joanina opõem o serviço a Jesus ao serviço aos pobres. Articulam a unicidade do momento de Jesus com a permanência dos pobres e do dever de solidariedade com eles. Prestar a Jesus a atenção amorosa encarnada por Maria de Betânia, amada por Jesus (11,5), não entra em concorrência com o dever de ajudar os pobres; antes, acrescenta-se a este, e com urgência, pois não se pode deixar passar o momento, o *kairós* de Jesus (cf. dramaticamente 12,36a/12,36b!).

Jesus, não se pode deixá-lo passar, e tampouco os momentos de empenho por ele. O que a gente faz molda-nos o coração. Quem deixa passar os momentos de se dedicar a Jesus em gestos expressivos termina sem sensibilidade por ele. O marido que sempre protela o momento de dar carinho à sua mulher, termina nos braços de outra. Vimos militantes sociais cristãos que, na hora da crise, não tinham mais o reflexo de olhar para Jesus.

Se queremos beber o que nos transmite aquele que é a "fonte", devemos também cuidar dessa "fonte"... Isto é sabedoria ecológica. Será mero acaso que Jo escolheu a Maria de Lc 10,38-42 para identificar aquela que nos deu o exemplo dessa solicitude?

“Os pobres, sempre os tendes perto de vós...”. Os pobres constituem um apelo ininterrupto. Mas não podem ser usados como pretexto, à maneira de Judas, o traidor, aprendiz do diabo, para relegar ao segundo plano Jesus, que, com sua incomparável vida e morte, nos mostra o que é amar com o amor que é o ser de Deus mesmo.

Johan Konings S.J., belga de nascimento, é licenciado em Filologia Bíblica, e doutor em Teologia, pela Universidade de Louvain (Bélgica). Sua tese doutoral versou sobre a crítica literária da narrativa do evangelho de João. Desde 1972 encontra-se no Brasil, e já lecionou na PUC de Porto Alegre e do Rio de Janeiro. Atualmente é professor de Exegese do NT na Faculdade de Teologia do CES (Belo Horizonte-MG).

Endereço: Caixa Postal 5047 — 30611-970 Belo Horizonte-MG